



EDUCAÇÃO, CULTURA E DISCURSO: INTERRELAÇÕES E PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

*EDUCATION, CULTURE AND DISCOURSE: INTERRELATIONS AND
CONTEMPORARY PERSPECTIVES*

*EDUCACIÓN, CULTURA Y DISCURSO: INTERRELACIONES Y
PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS*

DOI: 10.5281/zenodo.19423279



Enilvan de Jesus Costa da Silva¹

Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa²

Maria Rosilene Maués Gomes³

Enielen Silva de Sousa⁴

Alexandre Augusto Cals e Souza⁵

Alice Silva Barbosa⁶

Marcos Vinicius Gabriel Mendes dos Anjos⁷

Danielly Tobelem Maués Ferreira⁸

1. Mestrando em Cidades: Territórios, Identidades e Educação (PPGCITE), Universidade Federal do Pará (UFPA), Abaetetuba, Pará, Brasil. E-mail: enilvancostasilva@gmail.com

2. Doutora em Linguística, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: rsns@ufpa.br

3. Doutora em educação, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. E-mail: rosilene.gomes@ifpa.edu.br

4. Mestranda em Cidades: Territórios, Identidades e Educação (PPGCITE), Universidade Federal do Pará (UFPA), Abaetetuba, Pará, Brasil. E-mail: sousaenielen@gmail.com

5. Doutor em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: alexandre@ufpa.br

6. Mestranda em cidades: Territórios, Identidades e Educação (PPGCITE), Universidade Federal do Pará (UFPA), Abaetetuba, Pará, Brasil. E-mail: alicesbarbosa26@gmail.com

7. Graduando em Letras, Universidade Federal do Pará (UFPA), Abaetetuba, Pará, Brasil. E-mail: gabbeanjos@gmail.com

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.4 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir as interrelações entre educação, cultura e discurso, analisando como esses três elementos se articulam na constituição de identidades, práticas pedagógicas e processos de significação social. A partir de uma abordagem teórico-crítica, fundamentada em autores como Paulo Freire, Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Stuart Hall, busca-se compreender como o discurso educacional é atravessado por relações de poder e por construções culturais que moldam o sujeito e o conhecimento. O estudo propõe uma reflexão sobre o papel da escola como espaço de produção e reprodução cultural, bem como sobre a necessidade de uma educação crítica e emancipatória que reconheça a diversidade cultural e discursiva dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Discurso. Identidade. Poder.

ABSTRACT

This article aims to discuss the interrelationships between education, culture, and discourse, analyzing how these three elements are articulated in the constitution of identities, pedagogical practices, and processes of social signification. Using a theoretical-critical approach, grounded in authors such as Paulo Freire, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, and Stuart Hall, it seeks to understand how educational discourse is traversed by power relations and cultural constructions that shape the subject and knowledge. The study proposes a reflection on the role of the school as a space for cultural production and reproduction, as well as on the need for a critical and emancipatory education that recognizes the cultural and discursive diversity of individuals.

Keywords: Education. Culture. Discourse. Identity. Power.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar las interrelaciones entre educación, cultura y discurso, examinando cómo estos tres elementos se articulan en la constitución de identidades, prácticas pedagógicas y procesos de significación social. Mediante un enfoque teórico-crítico, basado en autores como Paulo Freire, Michel Foucault, Pierre Bourdieu y Stuart Hall, busca comprender cómo el discurso educativo está atravesado por relaciones de poder y construcciones culturales que dan forma al sujeto y al conocimiento. El estudio propone una reflexión sobre el papel de la escuela como espacio de producción y reproducción cultural, así como sobre la necesidad de una educación crítica y emancipadora que reconozca la diversidad cultural y discursiva de los sujetos.

Palabras clave: Educación. Cultura. Discurso. Identidad. Poder.

8. Mestranda em Cidades: Territórios, Identidades e Educação (PPGCITE). Universidade Federal do Pará (UFPA) Abaetetuba, Pará, Brasil.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.4 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





INTRODUÇÃO

A educação, enquanto prática social e cultural, constitui-se como um dos principais espaços de produção, reprodução e circulação de saberes, valores, identidades e discursos. Este último, por sua vez, não são neutros, mas carregam ideologias e representações que refletem e reproduzem as estruturas de poder presentes em diversos contextos sociais e também educacionais.

Enquanto isso, a cultura, nesse cenário, atua como mediadora entre o sujeito e o mundo, influenciando a forma como o conhecimento e os valores são construídos, transmitidos e legitimados. Desta forma, podemos dizer que a cultura é o campo simbólico no qual os sujeitos constroem significados e se reconhecem como parte de um grupo social. Já o discursos, por sua vez, emerge como o meio pelo qual essas construções se materializam, revelando as relações de poder, as ideologias e as disputas simbólicas que permeiam o processo educativo.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender a educação como um fenômeno cultural e discursivo, que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e envolve a formação de sujeitos críticos e conscientes. Segundo Foucault (1998), o poder opera e se manifesta por meio dos discursos, moldando percepções e práticas sociais. Portanto, percebe-se que a educação vive em um contexto de intensas transformações sociais e tecnológicas, bem como torna-se imprescindível repensar as práticas educativas à luz das teorias culturais e discursivas, de modo a promover uma educação inclusiva, democrática e plural.

Além disso, a análise das relações entre discurso e educação permite identificar como as práticas linguísticas e comunicativas contribuem para a manutenção ou a contestação de estruturas de poder. Assim, este trabalho busca oferecer subsídios teóricos e reflexivos para educadores, pesquisadores e formuladores de políticas públicas comprometidos com a transformação social.

Ademais, este estudo tem como objetivo analisar as interrelações entre educação, cultura e discurso, destacando suas implicações na formação de identidades e na construção





de práticas educativas críticas e transformadoras. Busca-se compreender o papel da cultura na constituição do processo educativo. Assim como investigar as contribuições da análise do discurso para a compreensão das práticas pedagógicas e com isso refletir sobre os desafios da educação frente à diversidade cultural e às novas formas de comunicação.

Assim sendo, compreende-se que um estudo que analise as relações entre educação, cultura e discurso é fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e críticas. Ainda mais, a escola, como instituição social, desempenha papel central na formação de identidades e na construção de sentidos sobre as movimentações sociais que ocorrem no ambiente educacional. Assim sendo, deve-se investigar como o discurso que circula e articula com as dimensões culturais e sociais permite compreender os mecanismos de poder e resistência que permeiam o campo educacional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se como estratégias para estas discussões alguns teóricos que se destacam com seus trabalho em educação, linguagem, cultura, discurso e poder. Vale ressaltar que, a educação é entendida como uma prática social e cultural que envolve a transmissão e a produção de saberes, valores e significados. Para Paulo Freire (2025), educar é um ato político, pois reflete escolhas éticas e ideológicas que moldam a sociedade. Para Orlandi (2017), a linguagem como prática simbólica complementa ao mostrar como as experiências sociais influenciam nas transformações, nas práticas e percepções dos indivíduos, tornando a educação um espaço de mediação e disputa.

Além do mais, nesta concepção, a cultura está entrelaçada a educação e o discurso. Segundo Stuart Hall (2016), cultura é dinâmica e está em constante transformação, ela é representativa, assim como a linguagem, influencia identidades, gerando práticas educacionais. Neste sentido, a escola, como espaço emancipador, deve reconhecer a diversidade cultural dos seus sujeitos e promover diálogos multiculturais e interculturais para evitar reproduzir visões eurocêtricas e excludentes.





Dando prosseguimento as teorias, Michel Foucault (2022) destaca a importância do papel do discurso como prática social, o qual produz saber e exerce poder. Nesta abordagem, no que tange a relação de poder, Dijk (2023. p. 18) discorre que “se o discurso controla mentes, e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar”. Na sequência, associando ao contexto educacional, os discursos determinam o que é considerado conhecimento legítimo. Desta forma, afim de complementação, Fairclough (2016) reforça que o discurso é uma forma de ação social que molda e transforma as estruturas sociais.

Para finalizar, na contemporaneidade, a globalização e as tecnologias digitais intensificam as relações entre educação, cultura e discurso. Portanto, cabe a escola adotar uma postura crítica diante das novas mídias, formando sujeitos capazes de interpretar e agir eticamente frente aos múltiplos discursos que circulam na sociedade

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e exploratório. Foram analisadas obras clássicas e contemporâneas sobre educação, cultura e discurso, com ênfase nas contribuições de Paulo Freire, Michel Foucault, Stuart Hall e Norman Fairclough. A análise dos textos buscou identificar convergências e divergências teóricas, bem como suas implicações para a prática educativa.

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL, CULTURAL E IDENTITÁRIA

Para ordenar as ideias, iniciaremos este tópico citando Paulo Freire (2025, p. 20) que ressalta que “o mundo é um grande livro que pede a busca de ser compreendido e lido pelo confronto crítico e coerente com o universo do leitor com saberes anteriores e com a cotidianidade da vida”. Sendo assim, a educação não pode ser compreendida apenas como processo de transmissão de conhecimentos, mas como prática social, identitária e cultural que





envolve os saberes adquiridos, a formação de sujeitos e a construção de significados. Vale ressaltar que, o ato de educar também é um ato político, pois implica escolhas e intencionalidades, com isso a educação torna-se um espaço de disputa simbólica, onde diferentes discursos competem pela hegemonia.

Entende-se que a escola, ambiente físico constituído por diversas salas onde são sub-classificados os alunos, também é um espaço que reproduz as desigualdades, seja ela social, cultural ou por meio da imposição autoritária de gestores, coordenadores e professores. Assim, o sistema educacional tende a legitimar os saberes e valores das classes dominantes, as vezes sem saber, as vezes querendo, levando a marginalização das outras formas de conhecimento, neste caso o conhecimento cultural do sujeito.

Compreender que a cultura faz parte da construção dos saberes do sujeito é de suma importância, pois

é um fenômeno plural, multiforme, heterogêneo, dinâmico”. Envolve criação e recriação, é atividade, ação. É considerada também como um sistema de símbolos que fornece as indicações e contornos de grupos sociais e sociedades específicas[...] ela pode ser entendida como maneira de viver de um grupo, sociedade país ou pessoa”(Candau, 2010. p. 72).

Compreende-se, segunda a autora (ibidem) que a cultura precisa ser vista como parte integradora da aprendizagem do sujeito, mas não a cultura dominante, porém aquela que é pertencente a ele, neste caso “o que precisa ser mudado não é a cultura do aluno mas a cultura da escola, que é constituído de um único modelo cultural, o hegemônico, apresentando um caráter monocultural”(Candau, 2010. p. 85).

Por outro lado, compreende-se que a educação é também um campo de resistência, onde encontramos “pedagogias libertadoras”, inspiradas em Freire (2024) e baseadas no diálogo e na problematização da realidade. Para o autor (ibidem), o processo educativo deve promover a conscientização crítica, permitindo que os sujeitos compreendam as estruturas de opressão e atuem para transformá-las. Deste modo,

As diferenças culturais devem estar “dentro da escola” como parte integrante das relações interpessoais e das práticas pedagógicas no âmbito do ambiente escolar, e é nesse caminho





que se deve pensar as ações educativas. Ações essas que permitam o aprendizado dos diferentes sujeitos, grupos, sociedades e que respeitem e valorizem as diversidades culturais. Isso orientará a construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade. (Silva e Rebolo, 2017, p. 181)

Além do mais, podemos relacionar que cultura e identidade estão intimamente ligados à educação, visto que a cultura é um elemento constitutivo da educação, pois ela demonstra os modos de ser, pensar e agir dos sujeitos. Para Hall (2022 e 2023) a identidade é construída culturalmente, sendo resultado de processos discursivos e históricos, também pode ser marcada pela diferença e pela simbologia do sujeito. Desta maneira, a escola tem um papel primordial ao elencar conteúdos e práticas que venham dar ênfase na participação ativamente dos sujeitos, reforçando suas identidades e contribuindo na construção e reconstrução de novas identidades culturais representativas socialmente, elevando-o a ser protagonista de sua história.

Em meio a esta discussão, entender que a cultura não é única e nem unilateral, mas sim multicultural e intercultural, isso significa que ela está atrelada a outras culturas e que isso faz gerar novos conceitos fundamentais para compreender essa diversidade cultural presente nas instituições educacionais. No que tange a multiculturalidade “é exatamente o fato de estarem atravessadas pelo acadêmico e o social, a produção de conhecimentos, a militância e as políticas públicas.”(Candau, 2008. p. 49). A mesma autora (ibidem) também defende que a educação intercultural deve reconhecer e valorizar as diferenças, promovendo o diálogo entre culturas, “isso significa que cada atividade que pretenda a perspectiva multicultural é importante na medida em que se integre a outras, ou seja, que não se constituem em iniciativa isolada” (Candau, 2010. p. 91). Essa perspectiva rompe com a visão homogeneizadora da escola tradicional, que tende a impor uma cultura dominante. Resumindo, no ambiente escolar as culturas são múltiplas e devem continuar assim.

A cultura escolar, conforme Forquin (1993), é o conjunto de normas, valores e práticas que orientam o funcionamento da instituição. Ela reflete tanto as tradições pedagógicas quanto as influências sociais e políticas. Porém, Aranha (2006) quando se trata de educar





cultura na escola, ela defende a não supremacia de nenhuma cultura, que todas elas são importante no processo educacional. Assim, compreender a educação cultural escolar é essencial para compreender e analisar como os discursos que são gerados neste ambiente são produzidos e legitimados.

A LINGUAGEM E O DISCURSO COMO PRÁTICA SOCIAL

O discurso, segundo Foucault (1996), é uma prática que produz saberes e exerce poder. Ele não apenas reflete a realidade, mas a constitui. No campo educacional, discurso está atrelado a linguagem social, parte da análise da oralidade ou da escrita do que é discursado, é a compreensão daquilo que é falado ou escrito, ele também determina o que pode ser dito, ensinado e aprendido. Além do mais, molda-se de acordo com a situação da prática social ou dos interesses de poder, serve como um instrumento de controle e de produção de subjetividades. De acordo com Orlandi (2017), discurso é linguagem e não podemos entender com algo transparente, não dá para atravessar sem entender seu contexto. Sendo assim,

quando falamos que linguagem é uma prática significativa e pensamos a relação da linguagem com a Sociedade e o Estado, queremos dizer que a prática, que é linguagem, se relaciona com as práticas sociais em geral. Para fazer sentido, a língua sujeita a falhas (divisão), se inscreve na história, produzindo a discursividade. A discursividade, por sua vez, caracteriza-se pelo fato de que os sujeitos, em suas posições, e os sentidos, constituem-se pela sua inserção em diferentes formações discursivas. Estas se definem como aquilo que o sujeito pode e deve dizer numa situação dada em uma conjuntura dada, e refletem, no discurso as formações ideológicas. (Orlandi, 2017, p. 152)

Quando analisamos as palavras do autor (ibidem), podemos perceber que o discurso está atrelado as ideologias e desta maneira “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (Orlandi, 2017, p. 153).

Nesta concepção supracitada, vale ressaltar que Fairclough (2001) propõe a Análise Crítica do Discurso (ACD) como uma abordagem que busca compreender as relações entre linguagem, poder e ideologia. A ACD permite identificar como os discursos, que ocorrem



também nos ambientes educacionais, reproduzem ou contestam as estruturas de dominação. Por exemplo, o discurso da meritocracia, amplamente difundido nas escolas, tende a naturalizar as desigualdades sociais, atribuindo o sucesso ou o fracasso escolar exclusivamente ao esforço individual, isto é, se o aluno se dedicar, estudar, não faltar nas aulas, este com toda certeza passará de ano.

A linguagem, assim como o discurso, portanto, torna-se campo de disputas simbólicas, que acabam refletindo na cultura do sujeito. Além do mais, podem inferir diretamente na liberdade do indivíduo, caracterizando relação de poder, apagando a liberdade, alias, “poucas pessoas têm uma liberdade total de dizer e escrever o que querem, onde e quando e para quem querem.” (Dijk, 2023. p. 18). Na concepção de Bakhtin (1992), que enfatiza o caráter dialógico do discurso, uma dinâmica de representação da linguagem que faz com que todo enunciado torna-se uma resposta a outros enunciados, criando ideologias na enunciação.

De acordo com Fairclough (2016, p.122) que compreende,

[...]“que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões de formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou transformação das relações de dominação.

Esta relação ideológica do discursos, gerando a relação de poder e de dominação é moldada conforme as práticas sociais envolventes, de acordo com o autor supracitado, torna-se ferramenta de manipulação e de poder. Assim, o discurso educacional é constantemente negociado e reconfigurado nas interações entre professores, alunos e comunidade.

Esta relação de educação e poder é central para compreender o papel do discurso na formação dos sujeitos, pois a escola é formadora, os professores e professoras são formadores de opiniões, de seres pensantes como sujeito social.

É preciso não esquecer de que há um movimento dinâmico entre pensamento, linguagem e realidade do qual, se bem-assumido, resulta uma crescente capacidade criadora de tal modo que, quando mais vivemos integralmente esse movimento tanto mais nos tornamos sujeitos críticos do processo de conhecer, de ensinar, de aprender, de ler, de escrever, de estudar. (Freire, 2025. p. 26).



Portanto, esta discussão trazida por Freire (ibidem), reflete diretamente nas responsabilidades de professores e professoras, alias, da escola em sua totalidade, e isso problematizará diretamente nos educandos, tornando-os sujeitos críticos, integrantes de lutas contra a ideologia de poder, transformadores e retransformadores da sociedade.

Nesta relação de discurso e poder, Foucault (1987), argumenta que o poder não é apenas repressivo, mas produtivo, pois cria saberes e subjetividades. Nesse sentido, a escola torna-se um espaço de transformação ao elencar novas formas curriculares de ensino, que são dispositivos de poder, tornando-se uma instituição de valores críticos que dinamiza o tempo, o espaço e o comportamento dos indivíduos.

Contudo, tudo isso deve-se a pedagogia crítica, com inspiração em Freire, onde busca romper com essas estruturas, promovendo uma educação emancipatória. Essa perspectiva propõe que o conhecimento seja construído de forma coletiva e contextualizada, valorizando as experiências, as culturas, os valores e saberes do sujeito social.

A EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL E NOVOS DISCURSOS EDUCACIONAIS

Quando pensamos em mídias, e nas novas transformações culturais que ocorrem na atualidade, devemos levar em consideração que o avanço tecnológico digital transformou profundamente as práticas culturais e educacionais, inclusive pós pandemia da Covid 19. A cultura digital introduziu e ainda introduz uma nova visibilidade de culturas diversificadas, assim como novas formas de produção e circulação de discursos, desafiando os modelos tradicionais de ensino. Lévy (1999) destaca que o ciberespaço possibilita a construção coletiva do conhecimento, promovendo a inteligência coletiva. Isso leva a escola a engendrar e compreender melhor esse conceito que é

Um termo novo, atual, emergente e temporal. A expressão integra perspectivas diversas vinculadas às inovações e aos avanços nos conhecimentos, e à incorporação deles, proporcionados pelo uso das tecnologias digitais e as conexões em rede para a realização de novos tipos de interação, comunicação, compartilhamento e ação na sociedade (KENSKI, 2018, p. 139).





Esta coletividade, mencionada por Levy (ibidem), é atravessada por discursos, que muitas vezes demonstram aquilo que não é pertencente a mesma. Já a inserção das tecnologias na educação, mencionada por Kenski (ibidem), trouxe também “a afirmação das diferenças - étnica, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras”, as quais podem se manifestar de diversas formas dentro do cenário educacional, “assumindo diversas expressões e linguagem” (Candau, 2012. p. 236), assim como discursos. No entanto, as “tecnologias, sendo esta uma interpretação de significações múltiplas, pode variar de acordo com cada discurso”. (Heinsfeld e Pischetola, 2019. p. 3). Então, é necessário, neste caso, desenvolver competências críticas para o uso consciente e ético das mídias digitais.

Paralelamente a isso, nota-se que às tecnologias não garante, por si só, uma educação mais democrática, mesmo porque nem todos tem acesso a ela e os discursos nesses contextos educacionais contemporâneos, portanto, devem considerar as transformações sociais, culturais e tecnológicas, promovendo uma educação que prepare os sujeitos para atuar de forma crítica e criativa na sociedade digital. Haja vista que,

diferentes manifestações de preconceitos, discriminação, diversas formas de violência - física, simbólica, bullying, - homofobia, intolerância religiosa, estereótipos de gênero, exclusão de pessoas deficientes, entre outras, estão presentes na nossa sociedade, assim como no cotidiano das escolas. A consciência desta realidade é cada vez mais forte entre educadores e educadoras. (Candau, 2012. p. 236).

Candau (ibidem) nos apresenta acima uma realidade já presenciada por professores e professoras, e isso se intensificou ainda mais com o uso das tecnologias. Contudo, cabe a escola “atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a esta máquina está gerando” (Belloni, 2001. p. 10).

EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE CULTURAL E O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR ENTRE OS DISCURSOS





A diversidade cultural é um dos maiores desafios para os educadores e educadoras da atualidade e, ao mesmo tempo, uma das maiores riquezas da educação contemporânea. A escola é um espaço onde diferentes culturas se encontram, e o modo como essas diferenças são tratadas reflete o tipo de sociedade que se deseja construir. Porém, de acordo com a pesquisa feita por Candau (2012), que mostra como a cultura é vista e trabalhada na escola, nos leva a pensar que estamos fazendo monocultura escolar ao considerar que trabalhamos desta forma, já que,

A desigualdade era concebida como um processo de uniformização, homogeneização, padronização, orientado a afirmação de uma cultura comum a que todos e todas tem direito a ter acesso.[...] Nesta perspectiva, certamente impossível de ser alcançada, as diferenças são invisibilizadas, negadas e silenciadas, apresentando nos processos pedagógicos um carácter monocultural[...] (Candau, 2012, p. 238)

Nesse âmbito, professor deve desempenhar um papel fundamental na mediação frente a esses desafios, ele deve ser o agente participativo na discussão entre cultura, discurso e educação, acolhendo todas as manifestações culturais e sociais, protagonizando uma nova forma de fazer educação. Pois,

[...] a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc.(Candau, 2009, p. 170)

Ademais, deve-se fazer uso de novas práticas pedagógicas para permear as escolhas discursivas que influenciarão a construção do conhecimento e das identidades dos alunos. Segundo Tardif (2002), o saber docente é um saber plural, que integra conhecimentos científicos, pedagógicos e experiências., não devendo limitar-se a somente sua disciplina de formação.





Segundo Gomes (2003), a educação deve reconhecer as identidades plurais e combater o racismo, o sexismo e outras formas de discriminação. Nesse âmbito, a Lei nº 10.639/2003, veio para dar mais significação nas identidades plurais, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, um passo pequeno, mas que representa um avanço nesse sentido, ao promover a valorização da diversidade cultural. Consequentemente, a formação docente deve, portanto, incluir uma reflexão crítica sobre os discursos que orientam as práticas educativas, levando ao um ensino mais inclusivo e plural. Isso implica que o próprio professor deve se reconhecer como sujeito histórico e cultural, para que a formação dos seus alunos seja mais dinâmica, integradora, transformadora da realidade por meio da ação pedagógica.

Portanto, é necessário que haja uma educação intercultural que proponha uma pedagogia do diálogo, baseada no respeito e na valorização das diferenças, dos valores e das culturas. Assim essa abordagem contribuirá para a construção de uma educação social mais justa, significativa e democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das relações entre educação, cultura e discurso revela a complexidade dos processos educativos, das relações de poder e a importância de uma abordagem pedagógica emancipatória, crítica e interdisciplinar. Vale ressaltar que a educação é um campo de disputas simbólicas, onde diferentes discursos e culturas são apresentados, se confrontam e se transformam. Além do mais, reconhecer que essa dinâmica social faz parte do cotidiano é essencial para construir novas práticas pedagógicas, que busquem a democratização, a pluralidade cultural e a inclusão de todos no processo educacional.

Diante da reflexão apresentada, compreende-se que a educação, a cultura, o discurso e a relação de poder estão intrinsecamente interligados, constituindo partes essenciais na construção da formação dos sujeitos, tanto dentro do ambiente educacional como fora dele e na construção de práticas pedagógicas emancipatórias, críticas e transformadoras. Em





seguida, a educação deve ser entendida como prática social e cultural, que ultrapassa a simples transmissão de conhecimentos, configurando-se como um espaço de produção de sentidos, identidades e valores. Nesse contexto, o discurso atua como instrumento de poder e resistência, revelando as ideologias que permeiam o ambiente escolar e influenciam as relações entre os sujeitos.

A cultura e o discurso são dimensões indissociáveis da educação, pois moldam as formas de pensar, agir e aprender. Desta forma, o primeiro instrumento torna-se elemento de mediação que o educador e a educadora podem usar para construir interações humanas e o segundo como expressão das disputas simbólicas e ideológicas. Outrossim, é possível repensar o papel da escola e dos educadores na promoção de uma educação mais focada nas múltiplas funções que ela representa. Além do mais, tende a valorizar a democrática, inclusão e pluralidade. Assim, uma educação comprometida com a emancipação humana deve promover o diálogo entre saberes, a valorização da diversidade e a crítica às estruturas de poder que sustentam as desigualdades sociais.

Analisar as relações entre discurso, educação e cultura, permite compreender como as práticas linguísticas podem tanto reproduzir quanto transformar as estruturas de poder existentes, abrindo caminhos para uma pedagogia comprometida com a emancipação e a justiça social. Portanto, tudo isso é essencial para o fortalecimento de práticas educativas que valorizem a diversidade, o pensamento crítico e contribuam para a construção de uma sociedade mais equitativa e consciente de suas múltiplas vozes e identidades.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BELLONI, M. L. **O que é Mídia Educação?**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.





BOURDIEU, P. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

CANDAU, V. M. **Educação intercultural: mediações necessárias**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CANDAU, M. V. F. **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos**. Edc. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

CANDAU, M. V. **Direitos humanos, educação e interculturalidade**: as tensões entre igualdade e diferença. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 154-173.

DIJK, T. A. V. **Discurso e poder**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2023.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2016.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2022.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia como prática da liberdade**. 57ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas para quem ousa ensinar**. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2022.

HALL, S. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. In: DA SILVA, T. T. 15ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.





HEINSFELD, B. M.; PISCHETOLA, M. **O discurso sobre tecnologias nas políticas públicas em educação**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e205167, 2019.

KENSKI, Ivani M. **Cultura Digital**. In: MILL, Daniel. Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância. Campinas, SP: Papirus, 2018. p. 139-144.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise**: Sujeito, sentido, e ideologia. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2-17.

SILVA, V. A.; REBOLO, F. **A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor**. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 18, n. 1, p. 179-190, jan./mar. 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Recebido em: 10/03/2026

Aprovado em: 22/03/2026

Publicado em: 04/04/2026

